

# *Crer para educar*

## *Algumas idéias e preceitos sobre a vocação de educar, a partir de palavras de Paulo Freire*

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Este escrito foi originalmente  
um capítulo de livro  
ou um artigo publicado ou utilizado  
para aulas e palestras.  
Nesta versão “nas nuvens”  
ele pode ser livre  
e gratuitamente acessado  
para ser lido ou utilizado  
de alguma outra maneira.  
Livros e outros escritos meus  
podem de igual maneira  
ser acessados livremente em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
ou em  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
LIVRO LIVRE***

Em um dia qualquer de 1985, estávamos reunidos em Buenos Aires preparando uma *Conferência Internacional de Educação de Adultos*. Éramos uma equipe de coordenação do *Conselho Latino-americano de Educação de Adultos*. Paulo Freire era então o presidente de honra do *CEAAL* e veio participar da reunião.

Um grupo de educadores argentinos ficou sabendo de sua presença na cidade, e enviou uma comissão ao hotel onde estávamos trabalhando, para convidá-lo a fazer uma palestra para professoras e professores do País.

O que nem Paulo e nem nós esperávamos é que diante de suas portas e já dentro do Teatro San Martin, estavam nos esperando cerca de três mil pessoas.

Foi uma noite inesquecível. Logo após aberta a sessão, foi dada a palavra a cada uma e cada um de nós que compúnhamos com ele a grande mesa sobre o palco do teatro. E cada um deveria falar no máximo 5 minutos, porque aquela era “a noite de Paulo Freire”, como foi anunciado por Izabel Hernandez, a coordenadora do evento. Falamos entre 3 e 5 minutos, inclusive Perez Esquivel, o militante argentino que acabara de receber o *Prêmio Nobel da Paz*, naquele ano.

Quando tocou a palavra a Paulo, ele começou falando de sua alegria ao retornar à Argentina e a Buenos Aires, 13 anos depois. Em seguida anunciou quealaria também por cinco minutos, tal como as pessoas que o antecederam. Houve um silêncio seguido de exclamações de desalento.

Ao meu lado, enquanto as outras pessoas falavam, eu o via rabiscando numa folha de papel algumas palavras, uma embaixo da outra.

Quando ele começou a falar, disse que tentaria desfiar não propriamente “um decálogo”, mas uma serie de idéias, de valores, de princípios e preceitos que a seu ver deveriam ser vividos por um verdadeiro educador, por uma verdadeira educadora. Aquelas palavras escritas no papel o guiariam. E ele acabou falando por cerca de uma hora e meia.

Até hoje penso que o seu livro bem posterior: *Pedagogia da Autonomia*, nasceu naquela noite em Buenos Aires.

Não guardei integralmente na memória tudo o que ele disse. Anotei alguma idéias e o que eu transcrevo aqui é mais ou menos o que eu lembro agora do que eu chamaria um “*Credo do Educador*”.

1. Crer no Ser Humano; crer em sua trajetória pelo mundo, crer na sua capacidade de aprender, de transformar-se e de transformar o mundo em que ele vive.
2. Crer no saber original que habita o coração e a mente de toda e qualquer pessoa. Crer que cada pessoa, quem quer que seja, é em si mesma uma fonte original, preciosa e irrepitível se seu próprio saber.
3. Crer na vocação humana ao diálogo, à partilha, à troca de seus dons, à solidariedade. Crer nesta vocação como o fundamento do que nos faz sermos seres humanos; seres conectivos (esta e uma palavra muito cara a Paulo Freire), recíprocos e, portanto, seres

do aprender-a-saber. Crer que não somos humanos porque somos “racionais”, ou porque somos “seres políticos”, como em Aristóteles. Somos humanos porque somos “seres aprendentes”.

4. Crer no ensinar-e-aprender, logo, crer na EDUCAÇÃO como um essencial e insubstituível acontecimento de trocas e de partilhas de saberes em direção à contínua criação ininterrupta do “mais humano no homem”.
5. Crer que a EDUCAÇÃO só se realiza plenamente quando fundada na acolhida do outro, da outra. No profundo respeito ao seu ser, ao seu proceder e ao seu saber-de-origem. Logo, crer que o diálogo não é apenas um método a mais na prática do ensinar e aprender. O diálogo está no centro do começo de todo o trabalho pedagógico; está ao longo de todo o seu processo e está em sua destinação. Não lançamos mão de métodos dialógicos para ensinar-a-aprender. Ensinamos e aprendemos para nos tornarmos cada vez mais sujeitos de diálogos.
6. Crer que por ser essencialmente acolhedora, dialógica e construtiva, a EDUCAÇÃO é mais uma construção partilhada e solidária de saberes, do que um processo individualizado de aquisição de conhecimentos. Eu aprendo aquilo que ajudei a constituir como um conhecimento, como um saber. Da mesma maneira, conhecer algo não é apenas saber-para-si e para o seu proveito pessoal apenas. Compreendemos algo quando fazemos parte da comunidade que partilha conosco o que aprendemos a compreender.
7. Crer que toda a EDUCAÇÃO, em qualquer nível, esfera ou vocação em que ela se realize em sua plenitude, só pode ser pensada como uma ação transformadora. Transformadora para melhor e mais-humano o ser de cada pessoa, transformadora da pequena coletividade de uma turma de alunos (que prefiro chamar de uma “comunidade aprendente”), transformadora da sociedade em que vivem os que ensinam-e-aprendem e, por extensão, transformadora do próprio mundo em que vivemos nossas vidas e destinos.
8. Crer que a EDUCAÇÃO DIALÓGICA e transformadora não é um acontecer de reciprocidades puramente conectivo, intelectual, racional. Ela não deveria ser, com mais razões, algo

rasteiramente instrumental, utilitário e pragmático. Ela envolve o todo do ser de cada pessoa. Ensina-mos-e-aprendemos com a mente e o coração, com a razão e a emoção, com o corpo e o espírito, com o cérebro e as mãos. Diferente de projetos e processos de mera capacitação instrumental, de instrução programada de especialidades, habilidades e competências, a EDUCAÇÃO e toda a EDUCAÇÃO deve ser integral na medida em que seu propósito é formar a integridade de cada pessoa, e, indistintamente, de todas as pessoas. A EDUCAÇÃO não se dirige a capacitar funcionalmente o *competente-competitivo* para o “sucesso no mercado”, mas sim o *consciente cooperativo* para uma solidária e corresponsável vida de “construção de si-mesmo e de sua sociedade.

9. Crer que uma verdadeira EDUCAÇÃO deve estar a serviço de todos, indistintamente. E lembrar que em uma sociedade desigual excludente, são os mais excluídos, os mais postos à margem, o povo enfim, o seu sujeito preferencial. Um povo tornado consciente de seu valor e de seu lugar na construção de uma sociedade cada vez mais regida pela liberdade, pela justiça, pelo incremento da igualdade social, ao lado do direito à diferença, enfim, uma sociedade devotada à construção de um mundo *em paz e de paz*.
10. Crer, finalmente, que:  
 A EDUCAÇÃO NÃO MUDA O MUNDO.  
 A EDUCAÇÃO MUDA AS PESSOAS.  
 AS PESSOAS MUDAM O MUNDO.

E bem podemos concluir estas idéias de memória e lembrança de Paulo Freire, com um pequeno trecho de um poema de Bertold Brecht. Um fragmento de poema que um dia ao acaso eu li em um volante de um Encontro de Educadores em Curitiba. Estava escrito na última porção da folha de trás, e creio que contém palavras que com alegria Paulo Freire assinaria embaixo. E eu também.

*“Se não morre aquele que planta uma árvore.  
 E se não morre aquele que escreve um livro,  
 Com mais razões não deveria morrer aquele que educa.  
 Porque quem educa semeia nas almas  
 E escreve nos espíritos”.*

***Bertold Brecht (lembrado de memória)***

